

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO: 1889-1950

Rafael Claudio Simões

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende traçar um panorama geral da industrialização capixaba, no período que vai de 1889 a 1950, no contexto do processo de industrialização vivido pelo país. Objetiva-se, de um lado, dar destaque aos dois momentos industrializantes decisivos que ocorreram no período, sendo eles: a primeira tentativa de intervenção do governo estadual com o intuito de incentivar a industrialização, que ocorre ainda no século passado no primeiro mandato de José de Mello Carvalho Moniz Freire como Presidente do estado (03/05/1892 a 23/05/1896); e o projeto de criação do “pólo industrial” do sul do Espírito Santo, no governo de Jerônimo de Souza Monteiro (23/05/1908 a 23/05/1912). De outro, levantar as razões das dificuldades enfrentadas pelo projeto de industrialização e o predomínio do situacionismo agro-exportador. Neste sentido pretende-se avaliar a importância que teve o setor primário - em especial o café - nas oscilações do projeto de industrialização. O café foi fundamental para sustentar os projetos infra-estruturais do período, do mesmo modo que crises na receita gerada pelo café refletiam negativamente no processo industrializante.

Desde já vale ressaltar quatro aspectos que nos parecem cruciais no processo de industrialização capixaba: a importância do café, a ação do Estado, o papel fundamental do capital internacional e o caráter tardio e dependente da nossa industrialização. Parece-nos justo afirmar que essas características estiveram presentes, em maior ou menor grau, em todo este processo.

A EXPERIÊNCIA CAPIXABA DE INDUSTRIALIZAÇÃO

O crescimento da cafeicultura capixaba no século XIX se deu principalmente a partir da crise do café no Vale do Paraíba (RJ) e a consequente implantação de núcleo cafeeiro no Vale do Itapemirim, com notáveis prejuízos para a produção canavieira ali existente. Por volta de 1840, sua cultura assumiu proporções comerciais em torno dessa cidade (Vitória), e se expandiu pelo litoral procurando morros e encostas. No sul penetrou nos vales do Itapemirim e do Itabapoana, ..., nessa região o povoamento era feito por fluminenses e mineiros... (Saletto, 1985, p. 20).

O estabelecimento do núcleo cafeeiro no Vale do Itapemirim resultou, entre outras coisas, no estímulo à ocupação de novas áreas da região por imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães. Ocorre, assim, o surgimento e/ou crescimento das colônias do Rio Novo, Santa Leopoldina e Santa Izabel (Saletto, op. Cit., p.20). Na esteira desse movimento, desenvolvem-se os transportes com a abertura de estradas, com a implantação da navegação a vapor de forma regular, e com a construção de ferrovias - a primeira, ligando Cachoeiro-Pombal-Castelo, com uma extensão total de 70,5 km, inaugurada em 1887.

Do mesmo modo, verificou-se um considerável crescimento populacional na região em decorrência desse processo, conforme se pode observar pela tabela abaixo:

ANO	POPULAÇÃO
1872	- 82.137 hab
1890	- 135.997 hab

Esse discurso de Ambrósio está ligado à idéia do pecado original e indica a sua estratégia da divulgação do batismo, pois através deste sacramento o homem, para a vida espiritual, nasce novamente, o homem perde sua condição de pecador e deixa de estar unido organicamente ao demônio. Com esta unção, o homem está preparado para viver uma nova vida, professando desta forma a nova fé — o Cristianismo.

Para se obter o batismo era preciso passar por uma preparação. Tal preparação se denomina catecumenato. O Catecumenato se apresenta com Ambrósio como um outro elemento de conversão. Ambrósio se baseia na homilia de São Lucas para mostrar como seria o ambrosiano para os grupos populares e os pagãos em geral. Sendo assim ele escreve:

"Há uma ordem para a discussão, uma ordem para a exposição; e nós também, quando os gentios são chamados à Igreja, devemos, nas recomendações, seguir a seguinte ordem: ensinar de início que há um só Deus, autor do mundo e de todas as coisas, em que vivemos, existimos e nos movemos, e de cuja raça nós somos (At. 17,28): de tal modo que devemos nos amar não só pelos dons da luz e da vida, mas também por causa de um certo parentesco de raça. Em seguida, destruiremos a catecismo idéia que eles tem dos ídolos. (...) Tendo-os convencido da existência de um único Deus podereis, graças a Ele, provar que a salvação nos foi dada pelo Cristo, começando pelo que Ele realizou em seu corpo e mostrando seu caráter divino, de tal modo que se veja nele mais do que um homem, a morte vencida pela força de um só, e Ele morto ressuscitado dos infernos. Com efeito, é pouco a pouco que a fé cresce... (S. Ambrósio, Homilia sobre Lucas, sch 45, p. 267)."
(Figueiredo, 1990: 115)

Essa citação demonstra a intenção de Santo Ambrósio de unir os grupos sociais em torno de um único objetivo, ou seja, de um Deus único, autor do mundo e de todas as coisas. A sua idéia de acabar com a adoração a outras divindades e mostrar a esses grupos quem era o verdadeiro Deus, na sua concepção, o Deus cristão.

Em síntese, procuramos mostrar algumas estratégias de conversão utilizadas pelo bispo de Milão para chegar até os grupos populares ou *humiliores* na sociedade tardo romana.

BIBLIOGRAFIA

- ARNS, P. E. - **Os Sacramentos e os Mistérios**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ALTANER, B. e outros. **Patrologia - Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COCHRANE, N. C. **Cristianismo y Cultura Clásica**. Madrid. FCE, 1949.
- FIGUEIREDO, A. F. **Curso de Teologia Patrística III. A Vida da Igreja Primitiva**. (Séculos IV e V). Petrópolis: Vozes, 1990.

Paulo Sérgio B. do Rosário
Graduado em História - UFES

1900	-	209.783 hab
1910	-	340.850 hab

Anuário Estatístico do Brazil - Anexo I - 1908-1912

Apesar disso, o Espírito Santo contava com vários fatores que dificultavam o seu processo de industrialização: a falta de um mercado interno de porte, a inexistência de um sistema de transporte integrado, a falta de mão-de-obra especializada, a proximidade do Rio de Janeiro como pólo aglutinador do desenvolvimento industrial juntamente com São Paulo, e pequena capacidade de investimento, tanto do setor estatal quanto de setores privados.

Com o primeiro governo de José de Mello Carvalho Moniz Freire - 1892 a 1896 - foi feita a primeira tentativa sistemática de industrialização no Espírito Santo, favorecida pela nova capacidade arrecadadora dos estados com o advento da República; pela valorização do café ocorrida na última década do século passado; bem como pela tomada de consciência dos setores agroexportadores dominantes da inconveniência da dependência da arrecadação tributária de apenas um produto - o café -, sempre sujeito às variações de preço no mercado internacional. Os períodos de baixa provocavam acentuada queda nas receitas tributárias bem como decréscimo nas rendas de grande parte da população do estado envolvida direta ou indiretamente com o mercado do café.

Não obstante este entendimento, a industrialização não era vista como um projeto autônomo, e sim vinculada à diversificação da produção agrícola e da exploração dos recursos naturais.

Por iniciativa de Moniz Freire, o Congresso Legislativo Estadual aprova em novembro de 1892 as Leis de nos. 30 e 34, a primeira criando o fundo especial para a construção da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo e a segunda autorizando o Presidente do estado a conceder garantia de juros para a implantação de projetos industriais. Com a autorização da Lei no. 34, Moniz Freire assina contratos para instalação de estabelecimentos industriais em Cachoeiro de Itapemirim, Vitória e Vila Velha. Entretanto, com uma única exceção, esses empreendimentos fracassaram.

Além do fracasso na instalação desses primeiros empreendimentos, alguns outros fatores dificultaram a incipiente tentativa de industrialização, sendo eles: a falta de mão-de-obra, a queda do preço do café no mercado internacional - que ocorre a partir de 1896 e se mantém até 1908, com a sua consequente queda de receita para o governo - as sucessivas quedas nas taxas de câmbio e o serviço de juros e amortização da dívida externa.

O período de governo de Jerônimo Monteiro - 1908 a 1912 - foi marcado pelo mais intenso projeto de industrialização do Espírito Santo no período enfocado, favorecido que foi por uma certa recuperação do preço do café e pela privatização das Estradas de Ferro Caravelas e Sul do Espírito Santo, que geraram receitas adicionais de cerca de 4.500 contos, bem como por um empréstimo de 28.967.856,78 de francos franceses, conseguido no período do Coronel Henrique Coutinho, mas só depositado nos cofres do governo no período de Monteiro. Esses recursos foram em grande parte utilizados para a instalação do "pólo industrial" do sul do Espírito Santo.

Nesse "pólo industrial" foram instalados os seguintes estabelecimentos: fábrica de tecidos, usina de açúcar, fábrica de cimento, fábrica de papel, fábrica de óleo vegetal, serraria industrial e a usina hidrelétrica do Rio Fruteiras para suprir esses estabelecimentos com energia.

Essa nova tentativa de industrialização do Espírito Santo, no entanto, resultou também em fracasso. Apenas as indústrias de açúcar e de tecidos conseguiram se estabelecer no Estado de maneira permanente, dadas as condições locais. As outras deveram o seu fracasso a fatores tais como: custos altos, tecnologias obsoletas, dificuldades infra-estruturais e competição de produtos

estrangeiros.

A despeito dos esforços realizados, a economia capixaba atinge meados da década de 1910 ainda com um baixo grau de industrialização, caracterizado pela predominância de indústrias de transformação primária, que incluíam as indústrias de beneficiamento de farinha de mandioca, de açúcar e de aguardente e álcool. Apenas as indústrias têxteis podem ser apontadas como um resultado efetivo das iniciativas voltadas para a industrialização de caráter mais moderno.

Em 1920, segundo dados do Anuário Estatístico do Brasil, de uma população economicamente ativa de 155.225, 8.622 trabalhavam em indústrias, representando, apenas, 5,55% do total. Em 1936, o governador Funaro Bley, em sua Mensagem à Assembléia Legislativa do Espírito Santo, afirmava: com excessão da Usina Paineiras, da Fábrica de Tecidos, Fábrica de Cimento, Usina Jabaquara e Serraria Barbados, todas de propriedade do estado, nenhum outro estabelecimento de importância existe no estado. As indústrias de menor vulto são constituídas pelo: fabrico de bebidas, torrefações de café, bombons, cortumes, cerâmica, serraria, etc. Nesse mesmo ano o café respondeu por 83,8% da arrecadação do estado.

As indústrias do Espírito Santo eram de pequeno porte e se situavam basicamente no setor de transformação primária, situação em que permaneceram até meados da década de 1960. Em 1950 as indústrias do estado, segundo dados do Anuário Estatístico de 1950, tinham uma média pouco abaixo de 8 operários por estabelecimento, enquanto o governador Carlos Fernando Monteiro Lindenberg afirmava, em sua Mensagem de 1948 à Assembléia Legislativa do Espírito Santo, que digno de nota é ainda o fato de que na produção industrial do estado, a maior parcela, representativa de mais de 50% do valor global da mesma, entende como beneficiamento do café e do arroz.

O Espírito Santo chega à década de 1950, no que diz respeito ao setor industrial de sua economia, em situação ainda bastante precária, senão vejamos: foram feitos alguns progressos na área de transporte ferroviário, da indústria têxtil, de açúcar e metalurgia, esta última em especial a partir de meados da década de 1940. Não obstante isso, o estado continuava com deficiências agudas nas áreas de abastecimento de energia, de transporte rodoviário, de mão-de-obra especializada, de um mercado interno de porte, de capacidade de investimento dos setores públicos e privados e com uma pequena participação no comércio exterior brasileiro.

Pode-se afirmar, portanto, que a história econômica do Espírito Santo foi, até recentemente, marcada pelo café. Como que uma palavra “mágica”, o café pontua, e mesmo explica, boa parte dos fenômenos relacionados com o desenvolvimento econômico desta região.

A bem da verdade, o café, conforme se viu, foi a força e a fraqueza do projeto de industrialização aqui abordado. Projeto político - como de resto ocorreu com o processo de industrialização em geral no Brasil, onde o Estado e não os interesses sociais, foi o principal agente -, a industrialização do Espírito Santo no período em foco, em que pese a sua timidez, foi eminentemente fruto de esforços dos governos Moniz Freire e Jerônimo Monteiro. Antes desses governos, a questão da indústria não constava da pauta política do estado ou constava de maneira secundária, não passando de intenções retóricas. Durante os governos posteriores, até princípios dos anos cinquenta quando, no governo de Jones dos Santos Neves, a questão da industrialização - em especial da energia elétrica - volta a preocupar as elites políticas e econômicas locais, o projeto de formação de um parque industrial como base econômica do estado viveu da inércia daqueles esforços originais.

Sem desprezar os resultados então alcançados, deve-se, no entanto, reconhecer a insuficiência das conquistas correlatas e necessárias à uma industrialização permanente e progressiva, quais sejam aquelas nos setores da urbanização, da infra-estrutura voltada para a

atividade de transporte, da produção de energia, da formação quer seja de uma mão-de-obra apropriada à atividade industrial quer seja de um mercado interno de porte para os seus produtos. Sem dúvida avanços ocorreram nesses setores, mas sempre de modo mais artificial que real, resultando de políticas públicas encetadas por governos sem grandes margens de ação no tocante a recursos, invariavelmente dependentes da receita gerada pelo café.

A expressão mais aguda da natureza “circular” do processo de industrialização capixaba levado a efeito no período em foco é a orientação política do projeto de industrialização do período estudado. A visão que dominava não apenas as políticas oficiais como também os interesses das elites econômicas locais era a de uma industrialização a serviço da diversificação agrícola, com vistas a expandir as receitas originárias do setor primário, antes que a diversificação dos serviços e da própria atividade industrial, com vistas a deslocar a fonte de recursos do campo para as cidades.

Assim é que ao fim da década de 1940, tinha-se como principal base industrial no estado as fábricas têxteis, e algumas fábricas de beneficiamento de alimentos. Esta base, assim como a rede ferroviária então implantada na região centro-sul do estado, constituíram o grande legado do projeto industrializante do período estudado aqui no estado.

BIBLIOGRAFIA

- BITTENCOURT, Gabriel. **Esforço industrial na república do café, o caso do Espírito Santo 1889/1930**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/FCAA. 1982.
- _____. **A formação econômica do Espírito Santo (O Roteiro da Industrialização)**. Vitória: Livraria Editora Cátedra/Departamento Estadual de Cultura do Estado do Espírito Santo.
- LINHARES, Maria Yedda. (org.) **História geral do Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campos. 1990.
- PRADO, Júnior, Caio. **História econômica do Brasil**. 24ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1980.
- SALETTTO, Nara. **Considerações sobre a transição do trabalho escravo ao trabalho livre na economia cafeeira do Espírito Santo (1888 - 1929)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.(Mimeo)
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à revolução Brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

Rafael Claudio Simões
Graduado em História - UFES